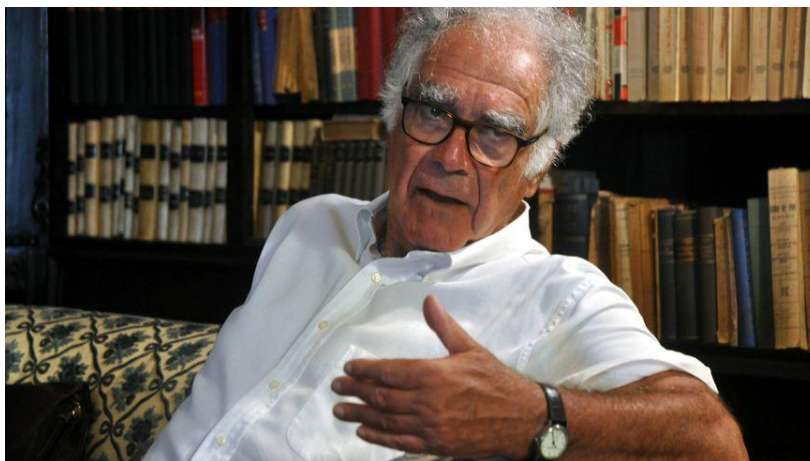


Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Carlo Ginzburg | Imagem: [Versobooks](#)

Paradigma indiciário

Resenha de *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, de Carlo Ginzburg

Recebido em 31/10/2025 e publicado em 20/06/2026

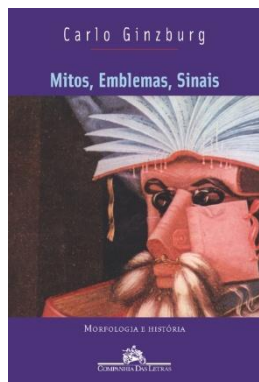
João Melo (UFJF)

Maria Leticia Raptopoulos (UERJ)

Resumo: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*, de Carlo Ginzburg, discute as relações entre morfologia e história, propondo o paradigma indiciário como método de investigação histórica. Há passagens marcadas por confiança em uma biologia binária e tratamento insuficiente de implicações ideológicas ligadas ao nazismo; destaca-se pela originalidade, erudição e contribuição metodológica às ciências humanas.

Palavras-chave: paradigma indiciário; micro-história; metodologia histórica; morfologia.

Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história é uma coletânea de ensaios do historiador italiano Carlo Ginzburg publicados entre 1961 e 1984 que apresenta, como fio condutor, a relação entre morfologia e história. O livro reúne reflexões sobre métodos de pesquisa histórica, análise de fontes figuradas e permanência de formas culturais através dos tempos. Seu objetivo principal é articular a dimensão formal dos fenômenos culturais à sua reconstrução histórica, empregando a morfologia. O prefácio, de caráter parcialmente autobiográfico, destaca o ensaio “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”, que propõe uma metodologia para decifrar fenômenos sociais e históricos a partir da análise de detalhes aparentemente insignificantes, o que o tornou um texto influente para as ciências humanas.



O livro reflete o itinerário intelectual de Ginzburg e sua abordagem interdisciplinar, resultado de uma trajetória que o consolidou como um dos mais importantes historiadores da micro-história.

Especialista em história cultural da Europa moderna, Ginzburg notabilizou-se por obras como *O queijo e os vermes* (1976), *Os andarilhos do bem* (1966) e *História noturna* (1989), tendo dedicado mais de 25 anos ao estudo da feitiçaria e das culturas populares.

O primeiro ensaio investiga um caso movido pela Inquisição contra camponeses. Ginzburg examina as relações entre feitiçaria e piedade popular, as motivações sociais da prática mágica e a sobreposição de esquemas inquisitoriais sobre a realidade da feitiçaria camponesa. O autor demonstra que, apesar da influência dos interrogatórios sob tortura, as confissões revelam uma religiosidade popular elementar, evidenciando uma tênue fronteira entre práticas religiosas e mágicas no universo camponês.

O segundo ensaio examina o problema metodológico da análise iconográfica como fonte histórica através de um percurso crítico pela tradição intelectual do Warburg Institute, desde seu fundador, Aby Warburg, até seus principais continuadores. Ginzburg demonstra como Warburg desenvolveu o conceito de “fórmulas do patético” para interpretar gestos e poses emotivas da Antiguidade clássica no Renascimento. Ele critica as limitações metodológicas dos sucessores de Warburg: Saxl e suas leituras “fisiognômicas” dos documentos figurados, que resultam em argumentos circulares; os riscos da distinção panofskiana entre iconografia e iconologia; e as posições de E. H. Gombrich, que tendem a enfraquecer a relação recíproca entre fenômenos artísticos e a história. Para ele, o desafio metodológico central permanece na articulação entre análise formal e reconstrução histórica, declarando a necessidade de conectar detalhes aparentemente insignificantes a um contexto histórico mais amplo.

O terceiro ensaio analisa a transformação histórica das atitudes em relação ao conhecimento, através do estudo de Romanos 11,20 (“Não te ensoberbeças, mas teme”) e da reinterpretação do seu sentido moral original. Ginzburg parte da hipótese da oposição alto/baixo para demonstrar como se estruturou historicamente uma tríplice proibição de conhecer os “segredos da natureza”, os “segredos de Deus” e os “segredos do poder político”, cuja ideologia era “conservar a hierarquia social e política existente” (p. 99). O autor documenta, através de emblemas e provérbios dos séculos XVI e XVII, a mudança de mentalidade, mostrando que figuras como Ícaro e Prometeu, símbolos de transgressão punida, tornaram-se símbolos positivos de instigação às descobertas, transformando vícios como “ousadia” e “curiosidade” em virtudes. Ginzburg conclui que o lema horaciano “ousa conhecer” simboliza o rompimento definitivo entre o tradicionalismo e a nova

valorização da investigação científica, refletindo uma cultura de novos valores sociais apropriados a uma sociedade comercial em expansão.

O quarto ensaio investiga a natureza erótica dos quadros mitológicos de Ticiano e sua relação com as transformações culturais provocadas pela difusão da imprensa e a reação católica às imagens erotizadas no contexto da Contrarreforma. Ginzburg demonstra que Ticiano não sabia latim, utilizando-se da língua vulgar dos textos ovidianos em vez de fontes clássicas originais como inspiração para suas obras. O autor argumenta que a difusão da imprensa revolucionou a circulação e o acesso às imagens, permitindo que um público que englobava classes sociais subalternas pudesse ter acesso a esse material. Ginzburg conclui que esse fenômeno provocou uma transformação histórica na sensibilidade erótica, documentada através da análise dos manuais para confessores, que mostram a substituição progressiva e erotização da visão em relação à audição.

O quinto ensaio propõe a identificação de um “modelo epistemológico” emergente nas ciências humanas, caracterizado pela observação de pormenores normalmente negligenciados como indícios, em detrimento da dedução, método comumente aplicado na cultura popular, teoria e história da arte, e psicanálise. O autor cita como exemplos o conhecedor de arte Giovanni Morelli, o detetive Sherlock Holmes e Sigmund Freud. Ginzburg demonstra as raízes históricas deste paradigma, remontando-o ao saber venatório paleolítico, passando pelas práticas divinatórias mesopotâmicas e pela medicina hipocrática, que definiram seus métodos. O autor argumenta que esse “paradigma indiciário” permaneceu implícito na cultura ocidental, “esmagado pelo prestigioso modelo de conhecimento elaborado por Platão” (p. 155) e, posteriormente, pelo paradigma galileano, que privilegiou a quantificação e repetibilidade em detrimento da perspectiva individualizante. Ginzburg conclui que o paradigma indiciário, baseado num “rigor flexível” e numa “intuição baixa” arraigada nos sentidos, representa uma alternativa epistemológica válida para as ciências humanas, oferecendo um caminho de uma metodologia indiciária para decifrar a realidade.

O sexto ensaio examina as relações entre pesquisa acadêmica e ideologia, enfrentando o problema metodológico das pesquisas das ciências humanas sobre continuidades culturais. Ginzburg critica o “dogmatismo de esquerda”, que rejeita problemas levantados pela direita, e a “recuperação indiscriminada” de direita, que aceita problemas e soluções sem distinção. O autor demonstra como Dumézil, baseando-se acriticamente no trabalho de Höfler sobre as sociedades masculinas germânicas, estabeleceu uma continuidade entre mitologia indo-europeia e instituições nazistas que, embora academicamente problemática, foi validada por Marc Bloch numa tentativa de compreender o fenômeno nazista através de estruturas mentais de longa duração. Ginzburg conclui que a questão da “especificidade germânica” permanece legítima, apesar das inclinações ideológicas de Dumézil. Ele argumenta que é possível e necessário distinguir entre pesquisa científica e teses ideologicamente motivadas, o que permite o uso de certas pesquisas sob uma perspectiva diferente da original.

O sétimo ensaio analisa as interpretações psicanalíticas dos fenômenos míticos, contrapondo as abordagens de Freud e Jung sobre a relação entre neuroses individuais e conteúdos mitológicos coletivos. O autor rejeita a interpretação freudiana por apoiar-se em hipóteses lamarckianas indemonstráveis sobre a transmissão hereditária de experiências psicológicas e culturais dos antepassados, bem como critica Jung por desperdiçar a oportunidade de compreender adequadamente o problema do mito ao inverter a relação explicativa entre teoria da neurose e compreensão mítica. Ginzburg propõe uma terceira via metodológica: sem pretender explicar a neurose do “homem dos lobos” através do mito dos lobisomens, reconhece que ambos compartilham conteúdos míticos arcaicos presentes

também nos êxtases de andarilhos, tálots, lobisomens e feiticeiras, mas rejeita a noção jungiana de arquétipos filogenéticos em favor de uma transmissão histórica e culturalmente identificável desses elementos simbólicos.

No Brasil, a coletânea foi recebida sobretudo a partir do ensaio “Sinais” e do reconhecimento de seu caráter interdisciplinar. Kok (1990) considera-o o ensaio mais significativo do volume e celebra o “casamento da morfologia com a história” como recurso capaz de iluminar tanto contextos culturais específicos quanto suas dimensões formais. Mello e Souza (2007) sublinha a apropriação que Ginzburg faz da circularidade cultural de Bakhtin e a força reveladora do detalhe herdada da Escola de Warburg, lendo a obra como marco na reflexão sobre conceito e método em história. Birkhann (2015) destaca o ensaio “Sinais” como o mais célebre e responsável por renovar a historiografia, e Moraes (2015) insiste que a potência do paradigma indiciário reside justamente em sua capacidade de articular-se entre artes, medicina, linguística e literatura. De fato, a leitura predominante entre os resenhistas quanto à originalidade e ao alcance metodológico da obra se justifica.

A obra de Ginzburg não está isenta de ressalvas. Sua aparente confiança em uma biologia binária, citada no terceiro ensaio, parece apressada e obsoleta. Além disso, na “sutileza” em separar o problema da solução na discussão sobre a obra de Dumézil, o autor beira à omissão sobre as implicações daqueles estudos com motivações ideológicas perigosas, como o nazismo.

Os pontos positivos da obra superam amplamente as ressalvas. A capacidade de Ginzburg de tecer conexões entre disciplinas é o grande mérito do livro. A aproximação entre a semiótica médica, a caça ancestral e a crítica de arte é um feito de originalidade e erudição. Sua defesa do “paradigma indiciário” como uma forma de conhecimento capaz de lidar com a unicidade do indivíduo e a opacidade da realidade é uma contribuição substantiva para as ciências humanas.

Em síntese, o livro cumpre seu objetivo de apresentar um modo de fazer pesquisa que une morfologia e história ao usar a investigação de pequenos indícios para revelar lógicas e continuidades culturais profundas que perduram na história. É uma obra de leitura fundamental para historiadores e pesquisadores das ciências humanas interessados em metodologia e história cultural.

Referências

BIRKHANN, Gabriel dos Santos. Resenha do livro “Mitos, Emblemas, Sinais” de Carlo Ginzburg. *Observações Literárias*, 21 fev. 2015. Disponível em:

<https://gabrielbirkhann.blogspot.com/2015/02/resenha-do-livro-mitos-emblemas-sinais.html>. Acesso em: 4 jun. 2026.

DUMÉZIL, Georges. *Mythes et dieux des Germains*. Paris: Presses Universitaires de France, 1939.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 281 p.

KOK, Maria da Gloria Porto. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. *Revista de História*, São Paulo, n. 122, p. 165–167, 1990. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i122p165-167. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/64291>. Acesso em: 4 jun. 2026.

MELLO E SOUZA, Laura de. Mitos, Emblemas, Sinais. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Caderno Mais!, Biblioteca Básica, 10 jun. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1006200703.htm>. Acesso em: 4 jun. 2026.

MORAIS, Luan Lucas Araújo. *Resenha: "Sinais: raízes de um paradigma indiciário"*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/31159391/Resenha_Sinais_ra%C3%ADzes_de_um_paradigma_indici%C3%A1rio_Carlo_Ginzburg_. Acesso em: 4 jun. 2026.

Sumário de *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*

Prefácio

1. Feitiçaria e piedade popular: notas sobre um processo modenense de 1519
2. De A. Warburg a E. H. Gombrich: notas sobre um problema de método
3. O alto e o baixo: o tema do conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII
4. Ticiano, Ovídio e os códigos da figuração erótica no século XVI
5. Sinais: raízes de um paradigma indiciário
6. Mitologia germânica e nazismo: sobre um velho livro de Georges Dumézil
7. Freud, o homem dos lobos e os lobisomens

Nota bibliográfica

Notas

Resenhistas



João Melo é doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com Bolsa Nota 10 da FAPERJ. Entre outros trabalhos, publicou “[Os mutirões da creche jesuíta no morro Santa Marta na década de 1980](#)”, “[Uma creche jesuíta no Morro Santa Marta](#)” e “[Catequese e Educação: do Brasil colônia aos desafios da atualidade](#)”. ID Currículo Lattes: 2969467059805259; ID Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9363-5026>; e-mail: joaomelo10@hotmail.com.



Maria Lectícia Raptopoulos é doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestra em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Entre outros trabalhos, publicou “[A Fortaleza de São João: remodelações oitocentistas](#)”. ID Currículo Lattes: 8937948753921474; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0012-1164>; e-mail: lecticia.raptopoulos@gmail.com.

Para citar esta resenha

MELO, João; RAPTOUPOULOS, Maria Leticia. Paradigma indiciário. Resenha de: GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 281 p. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 29, p. 37-42, maio / jun., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).